
Da arte de habitar: usos e sentidos do sobrado do Afoxé Filhos de Gandhi, Rio de Janeiro

From the art of dwelling: uses and senses of the house of Afoxé Filhos de Gandhi, Rio de Janeiro

Roberta Sampaio Guimarães

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7446>

DOI: 10.4000/pontourbe.7446

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Roberta Sampaio Guimarães, « Da arte de habitar: usos e sentidos do sobrado do Afoxé Filhos de Gandhi, Rio de Janeiro », *Ponto Urbe* [Online], 25 | 2019, posto online no dia 25 dezembro 2019, consultado o 31 julho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/7446> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7446>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Da arte de habitar: usos e sentidos do sobrado do Afoxé Filhos de Gandhi, Rio de Janeiro

From the art of dwelling: uses and senses of the house of Afoxé Filhos de Gandhi, Rio de Janeiro

Roberta Sampaio Guimarães

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 03/05/2019

Aceitação / Accepted 05/08/2019

- 1 O Afoxé Filhos de Gandhi foi fundado no Rio de Janeiro em 1951 inspirado no Ijexá Filhos de Gandhi, bloco carnavalesco criado dois anos antes em Salvador (BA) e que se apresentava recreativamente tocando o ijexá, cantando em iorubá e dançando coreografias dos orixás. O termo afoxé foi adotado em alusão às saídas religiosas onde filhos de santo dispostos em cortejo depositavam oferendas em mares, rios e matas, sendo o bloco por isso também chamado de “candomblé de rua”.
- 2 Durante trabalho de campo realizado entre dezembro de 2007 e novembro de 2009, além dos desfiles carnavalescos acompanhei apresentações do Gandhi no dia da Consciência Negra, no dia do Samba e nas festas dedicadas à Iemanjá (Guimarães, 2014). Seus integrantes moravam majoritariamente em bairros afastados da área central da cidade, eram das camadas populares e trabalhavam como autônomos ou prestadores de serviços. Era através da articulação de suas casas de candomblé que eles movimentavam uma intensa troca de dádivas e contradádivas com orixás, governantes, comerciantes, movimentos sociais e população em geral.
- 3 Este ensaio fotográfico tematiza um aspecto pouco acessado pelo público das apresentações do bloco: os usos e sentidos de sua sede. Após o Gandhi ficar anos

realizando reuniões e ensaios de forma itinerante em espaços de outras agremiações, em 1997 sua diretoria se apossou de um dos muitos imóveis abandonados do governo estadual na região portuária.

- 4 Localizado na rua Camerino, sopé do Morro da Conceição, no momento da ocupação o sobrado estava sem telhado, com vegetação alta e lotado de entulho. Foram inúmeras as idas e vindas da diretoria do bloco a secretarias estaduais em busca de regularização da posse do imóvel e de financiamento de sua reforma. Contudo, durante todo tempo de implementação dos projetos de “revitalização urbana” Porto do Rio (2001) e Porto Maravilha (2009), a administração pública argumentou não poder investir em imóveis “invasivos” e “em ruínas”. A recusa às demandas do bloco era assim legitimada pelo discurso de combate à “desordem urbana”, mobilizando acusações de ilegalidade, precariedade e informalidade.
- 5 Ao fotografar os pequenos cuidados dos integrantes do Gandhi dedicados ao sobrado, busquei materializar visualmente o contradiscurso que eles articulavam em suas falas e práticas. Eles haviam limpado o terreno, pintado as paredes, acorrentado a porta e afixado uma placa de identificação na fachada. No seu interior, abrigavam atabaques, vasos de plantas, bichos de estimação, roupas, mesas e cadeiras que participavam de suas atividades religiosas e recreativas. O sobrado, portanto, não era um local degradado ou relegado ao esquecimento, mas um espaço habitado por humanos, orixás, plantas, animais e objetos. A despeito do seu não reconhecimento pelas instâncias governamentais.



Mães de santo no cortejo do Presente de Iemanjá, ruas do Centro da cidade, 2009.



Músicos no Dia da Consciência Negra, monumento a Zumbi dos Palmares, 2008.



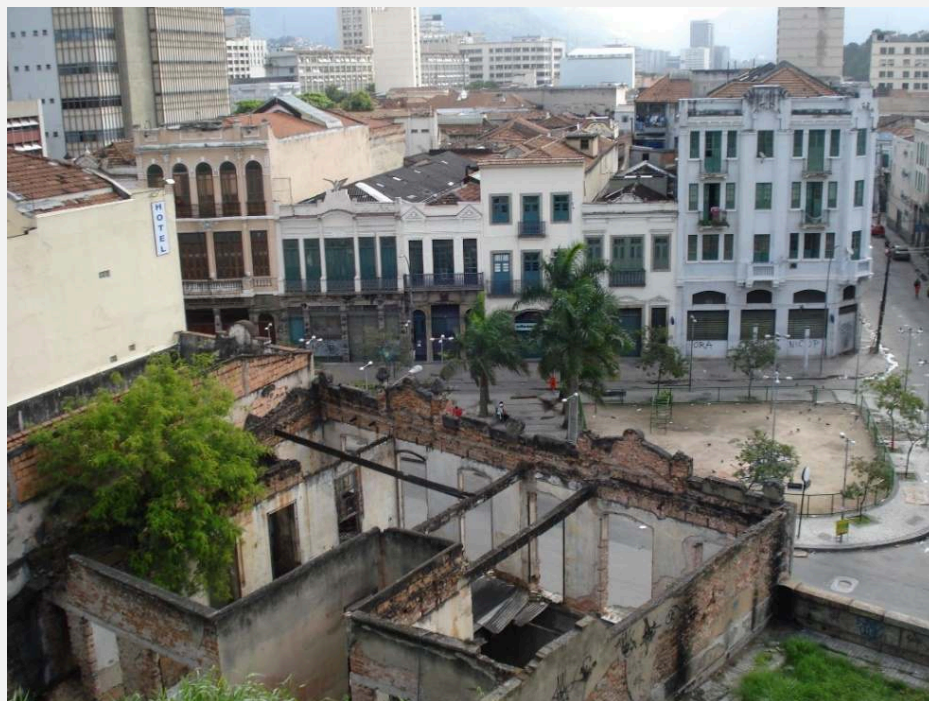
Oferendas na praia de Copacabana, Festa de Iemanjá do Mercado de Madureira, 2008.



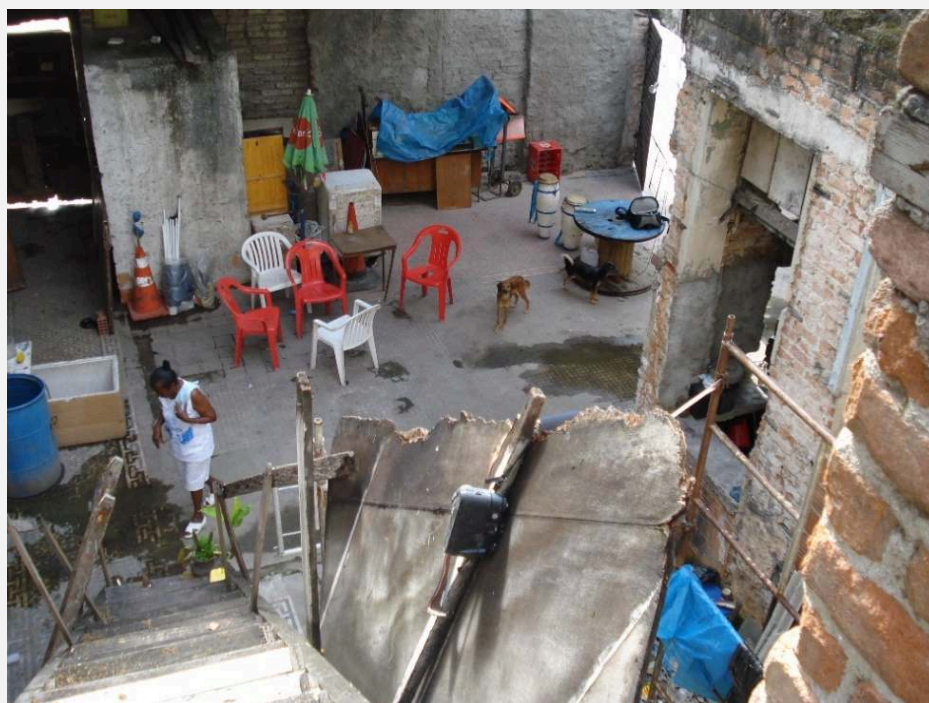
Atabaques do Gandhi, 2008.



Sede do Gandhi na rua Camerino, região portuária, 2007.



Sede do Gandhi, vista a partir do Jardim Suspenso do Valongo, 2008.



Espaço de reuniões e ensaios, sede do Gandhi, 2008.



Varal de roupas dos integrantes do bloco, sede do Gandhi, 2008.



Detalhe do banheiro, sede do Gandhi, 2008.



Cultivo de plantas, sede do Gandhi, 2008.

BIBLIOGRAFIA

GUIMARÃES, Roberta Sampaio. 2014. A utopia da Pequena África. Projetos urbanísticos, patrimônios e conflitos na Zona Portuária carioca. Rio de Janeiro: FGV/Faperj.